



EDUCAÇÃO AMBIENTAL DECOLONIAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM ITAÚNAS (ES)

TOLENTINO, Zoziane Bernardo¹, BERNARDO, Wildney Tolentino²
SANTOS Myriam dos³, CARLONI, Alcimar⁴, PRADO, Gustavo Machado⁵

Resumo

O presente artigo apresenta uma experiência pedagógica interdisciplinar realizada pela Escola Estadual de Ensino Médio “Dom Daniel Comboni”, em parceria com o coletivo socioambiental Sementes da Gratidão, no município de Conceição da Barra (ES). A atividade teve como propósito promover o conhecimento e o respeito à diversidade cultural dos povos indígenas e quilombolas, ao mesmo tempo em que proporcionou aos estudantes vivências significativas de contato com o meio ambiente e os saberes tradicionais. A proposta fundamentou-se em uma perspectiva decolonial de educação ambiental, que reconhece o território como espaço de construção do conhecimento e de valorização das identidades locais. A metodologia incluiu pesquisa prévia, leitura e debate de textos, rodas de conversa, ida ao Parque Estadual de Itaúnas com percurso pela trilha da Cacimba, culminando em uma visita à aldeia Jacó Pataxó. As observações, registros e interações realizadas permitiram aos alunos compreender aspectos geográficos, culturais e históricos da região, além de refletirem sobre sustentabilidade, ancestralidade e pertencimento. Como resultado, constatou-se que experiências imersivas como essa fortalecem o aprendizado significativo, ampliam a consciência socioambiental e contribuem para a formação cidadã crítica e empática, reafirmando a importância de práticas educativas ancoradas no território e na coletividade.

Palavras-chave: Decolonialidade. Diversidade Cultural. Práticas Pedagógicas.

1. Introdução

O presente trabalho se desenvolve a partir da abordagem metodológica da iniciativa “Sementes da Gratidão”, que utiliza as trilhas ecológicas, entre outras ferramentas pedagógicas, como meio de valorização dos saberes tradicionais locais.

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação de Ensino e Educação Básica Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: zozianebernardo@gmail.com

²Graduando (a) do curso de História da Faculdade Multivix . E-mail: wil.tolentino@gmail.com

³Graduanda do curso de Pedagogia Intercultural. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: dossantosmyriam56@gmail.com

⁴Professor da EEEM: Dom Daniel Comboni. E-mail: mazanv@hotmail.com

⁵Professor do Programa de Pós Graduação de Ensino e Educação Básica Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: gmprado.gmp@gmail.com





Essa proposta configura-se também como uma prática contra-hegemônica à “monocultura do saber” (Candau, 2008), ao promover a integração entre conhecimento científico e saberes comunitários, reafirmando a importância das experiências territoriais e culturais na construção do conhecimento.

A instituição, fundada em 2015 e instalada em Conceição da Barra (ES) desde 2018, busca aliar a educação ambiental, turismo de *experiência* e uma *educação decolonial*.

Para melhor consolidação da ideia aqui proposta, se faz oportuno elucidar os termos em destaque de acordo com a perspectiva de tal iniciativa. Para Larrosa (2002), o conceito de *experiência* transcende o acúmulo de informações e a mecanização das atividades cotidianas. Ele nos convoca a compreender a experiência como um ato que nos atravessa e transforma. Em seu entender, o saber de experiência não é replicável, mas profundamente singular, nascendo do diálogo.

Loureiro (2020) enfatiza que na Educação, o diálogo é exigência para potencializar os saberes que se entrelaçam, organizando práticas e possibilitando a criação livre do conhecimento. Tal abordagem contrasta com a sociedade contemporânea, onde o excesso de informações e a aceleração do tempo reduzem a possibilidade de vivenciar experiências genuínas.

Entretanto, é possível compreender que nessa abordagem distópica se encontra a “fresta” de reconexão da relação humana na/com e natureza, onde se embasa uma educação ambiental decolonial, essa que reconhece que o conhecimento é construído em diálogo com o território, com os sujeitos e com seus modos de vida de ser, estar, sentir, existir, fazer, pensar, ver, ouvir e conhecer. A educação decolonial busca romper com a hierarquia do conhecimento, promovendo o envolvimento ativo dos participantes na construção desse (Walsh, 2013).

Em 2025, a Escola Estadual de Ensino Médio Dom Daniel Comboni implementou o Projeto Interdisciplinar “Salgado são os seus olhos pelos caminhos da terra e saberes ancestrais”, desenvolvido ao longo dos três trimestres letivos. A iniciativa se fundamenta na Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), conforme estabelecido pela Resolução nº 1/2004, que orienta as instituições de ensino a promoverem o reconhecimento, valorização e respeito à história e à cultura dos povos indígenas e da população negra.





O projeto incluiu viagens pedagógicas que permitiram aos alunos uma imersão em um ambiente diverso e culturalmente potente, nos contextos histórico, geográfico e cultural de Itaúnas, Conceição da Barra.

Sendo assim, esse artigo está fundamentado na proposta de uma educação ambiental decolonial aplicada nas trilhas conduzidas por membros da iniciativa “Sementes da Gratidão”, em Itaúnas, no município de Conceição da Barra, Espírito Santo.

A proposta pedagógica consistiu em uma vivência interdisciplinar na Vila de Itaúnas, incluindo percurso pela Trilha da Cacimba, principal acesso à aldeia indígena local, e atividades de imersão no território da aldeia Jacó Pataxó. A experiência teve como propósito aproximar os estudantes da realidade dos povos tradicionais, promovendo reflexões sobre ecossistemas, modos de vida, organização sociocultural e práticas sustentáveis.

A ação integrou diferentes áreas do conhecimento: em Biologia, possibilitou a observação direta da fauna, flora e interações ecológicas, ressaltando a importância da conservação ambiental. Além disso a visita à sede do Parque Estadual de Itaúnas complementou a vivência ao abordar biodiversidade, os desafios de conservação e impactos das ações humanas; em História e Sociologia, favoreceu o debate sobre resistência indígena e quilombola, formação das identidades culturais brasileiras, organização social e lutas por direitos. Essa abordagem encontra respaldo nas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (CNE/CP nº 1/2004).

Com o intuito de ampliar a compreensão sobre cosmologias, pintura corporal, tinturas naturais, memória e saberes tradicionais e de estimular reflexões no campo da Filosofia, especialmente quanto à alteridade e ao pensamento decolonial, foi realizada, na aldeia, uma roda de conversa e uma oficina sobre o grafismo indígena.

Essa vivência é uma alternativa ao que Quijano (2005) conceitua com colonialidade do poder, que se refere ao padrão de dominação dos meios de existência social como o trabalho, dos recursos naturais, e da subjetividade, sobretudo, do conhecimento. Dentro dessa lógica, o não europeu é historicamente colocado como inferior e primitivo, o que evidencia a necessidade de práticas





educativas que promovam o reconhecimento e a valorização de outras formas de saber e de existir no mundo.

Esse foi, e ainda continua sendo, uma forma de apagamento identitário na qual muitos indivíduos são atravessados no cotidiano escolar. É importante ressaltar que lidar com a educação na contemporaneidade implica reconhecer que o sistema educacional ainda opera sob estruturas que reforçam desigualdades originadas no processo de colonização (Mignolo, 2017).

Nesse cenário, construir uma educação mais plural e diversa exige não apenas reconhecer o papel formativo da escola, mas também repensar como ela se posiciona diante das múltiplas realidades sociais, culturais e territoriais que a envolvem (Candau, 2008). Historicamente, os saberes afro-indígenas têm sido silenciados no ambiente escolar. Quando presentes, são frequentemente apresentados de forma superficial, folclorizada ou descontextualizada, o que contribui para a sua deslegitimação como formas válidas de conhecimento. Esse processo tem implicações diretas na formação da identidade e no sentimento de não pertencimento de estudantes que não se veem reconhecidos nas narrativas escolares.

Diante disso, práticas educativas ancoradas no território e na coletividade abrem espaço para outras possibilidades de ensinar e aprender. Nessa perspectiva, a Escola Estadual de Ensino Médio “Dom Daniel Comboni” estabeleceu uma parceria com o coletivo Sementes da Gratidão atuante em Conceição da Barra (ES) e reconhecido por articular educação ambiental crítica e abordagens decoloniais, com o objetivo de promover uma experiência formativa voltada aos ¹ alunos líderes da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e aos alunos protagonistas da escola.

A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), representa um marco no enfrentamento das desigualdades raciais no espaço escolar. Para além da inserção de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, a ERER exige uma mudança epistemológica e pedagógica, pautada na valorização da

¹Os alunos líderes da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) integram uma iniciativa voltada à implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, atuando como mediadores e multiplicadores de práticas antirracistas e de valorização das identidades afro-brasileira e indígena no espaço escolar. Os alunos protagonistas, por sua vez, configuram-se como sujeitos ativos no processo educativo, assumindo papel central na construção de projetos pedagógicos e na promoção de uma cultura escolar participativa, crítica e emancipatória.





diversidade e no reconhecimento das contribuições históricas desses povos. No contexto deste trabalho, as atividades realizadas na Trilha da Cacimba e na Aldeia Jacó Pataxó constituem práticas concretas que materializam os princípios da ERER, aproximando os estudantes de saberes locais e de experiências decoloniais.

Portanto, a atividade teve como objetivos conhecer a história local e regional, promovendo o respeito à diversidade cultural dos povos indígenas e quilombolas, bem como proporcionar experiências significativas de contato com o meio ambiente e com saberes tradicionais. Buscou-se ainda estimular a reflexão crítica sobre preservação ambiental e sustentabilidade, além de desenvolver habilidades de escuta, empatia e expressão artística. De forma específica, a proposta visou investigar os modos de vida e as cosmovisões indígenas, identificar aspectos geográficos e ambientais da trilha percorrida, compreender a história local sob a ótica indígena e quilombola, analisar a relevância dos saberes tradicionais para a sustentabilidade dos biomas e produzir registros textuais, visuais e orais a partir das vivências realizadas.

2. Metodologia

A metodologia contemplou três principais momentos: (1) estudo e sensibilização sobre Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER); (2) vivência de campo pela Trilha da Cacimba e visita à aldeia indígena Jacó Pataxó e (3) sistematização das experiências em produções textuais, visuais e reflexivas.

2.1. Local da ação

O Parque Estadual de Itaúnas (PEI) é uma unidade de conservação (UC) de proteção integral, que está sob administração do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA), ocupa uma área de 3.481 hectares e está localizado no Distrito de Itaúnas, zona rural do município de Conceição da Barra, litoral norte do Espírito Santo (Pereira; Agrizzi; Teixeira, 2023).

O PEI possui ecossistemas como a mata de tabuleiro, restinga, dunas, ambientes estuarinos de mangues e alagados. O mesmo conta com áreas de preservação de tais ambientes, abrigando variedades de espécies. Além disso, o Parque contém ainda 23 sítios arqueológicos, nos quais há vestígios de assentamentos humanos, registros do período da colonização, como pedras lascadas, cerâmica indígena e diversos artefatos (IEMA).





2.2. Participantes

A atividade de campo foi conduzida por dois membros do Sementes da Gratidão até a chegada da aldeia Jacó Pataxó, onde seguiu sendo orientada por uma das lideranças locais. Os alunos atendidos eram líderes da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e alunos protagonistas, totalizando um número de quarenta estudantes.

2.3. Etapas da atividade

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa exploratória sobre o território da Vila de Itaúnas e seu entorno, com ênfase na diversidade cultural e ambiental da região, incluindo a história indígena, quilombola e os aspectos ambientais locais. Essa etapa preparatória foi acompanhada de uma roda de conversa com os alunos sobre os povos indígenas e quilombolas, cujo objetivo foi a desconstrução de estereótipos ainda presentes no imaginário social.

Além disso, foram realizadas leituras e debates de textos relacionados aos direitos indígenas, quilombolas e à preservação ambiental, de modo a fornecer subsídios teóricos para a experiência prática.

A vivência de campo teve início às 8h do dia 16 de setembro de 2025, na Vila de Itaúnas. A primeira parte da experiência ocorreu na sede do Parque Estadual de Itaúnas, localizada na vila, onde o foco foi a biodiversidade local e sua relação com o território.

A segunda parte se iniciou com o percurso guiado pela Trilha da Cacimba, principal acesso à aldeia indígena local. Essa trilha, além de permitir uma imersão na natureza, favoreceu reflexões sobre meio ambiente, território indígena e relações sustentáveis com o ecossistema, ampliando a compreensão sobre a história, os modos de vida e a organização sociocultural do povo local. Esse momento constituiu-se como espaço privilegiado de educação intercultural e ambiental conduzido por membros da iniciativa “Sementes da Gratidão”.

Na aldeia, ocorreu uma roda de conversa com temáticas relacionadas à resistência dos povos originários, à preservação ambiental, às cosmologias indígenas e às práticas de tintura e pintura corporal tradicional. Essa atividade buscou promover uma perspectiva decolonial, sensível e reflexiva, fortalecendo a valorização da diversidade cultural e dos saberes tradicionais.





Todas as etapas da vivência (Figuras 1 a 3) foram acompanhadas por observação direta, escuta de moradores locais, registros fotográficos e anotações em diário de campo. Essas etapas subsidiaram a produção de materiais para apresentações posteriores.

Figura 1 (A, B e C) – Etapas das atividades: Apresentação do PEI, percurso até a trilha, roda de conversa na aldeia.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

3. Resultados e Discussão

A experiência pedagógica interdisciplinar realizada em Itaúnas, Conceição da Barra evidenciou resultados significativos no âmbito formativo, cultural e ambiental. A atividade possibilitou não apenas o contato direto dos estudantes com a diversidade sociocultural e natural do território, mas também promoveu aprendizagens críticas vinculadas à Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e à perspectiva decolonial.

No campo dos objetivos gerais, foi possível observar que os estudantes ampliaram sua compreensão sobre a história local e regional, com destaque para o protagonismo indígena e quilombola na construção das identidades culturais brasileiras. O contato direto com a aldeia e a vivência nas trilhas propiciaram experiências significativas que despertaram o respeito à diversidade cultural e sensibilidade ambiental. A presença de rodas de conversa e escuta de saberes tradicionais favoreceu o desenvolvimento de habilidades de escuta ativa e reflexão crítica, conforme previsto.





Os objetivos específicos também se mostraram contemplados. Durante as trilhas e rodas de conversa, os alunos puderam investigar modos de vida e cosmovisões indígenas, reconhecendo a importância da preservação cultural e ambiental. Na visita ao Parque Estadual de Itaúnas, aprofundaram reflexões sobre a sustentabilidade dos biomas costeiros e a relevância dos saberes tradicionais nesse processo.

Outro ponto relevante foi a participação ativa dos estudantes na oficina de grafismo (Figura 2), prática que fortaleceu a dimensão expressiva e criativa dos estudantes, ao mesmo tempo em que consolidou a aprendizagem por meio da sistematização das experiências.

Figura 2 (A, B e C) – Alunos replicando traços que foram aprendidos sobre o grafismo indígena.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Do ponto de vista pedagógico, a vivência favoreceu a integração entre diferentes áreas do conhecimento, como Biologia, História, Geografia, Filosofia e Sociologia, configurando-se como uma prática interdisciplinar concreta. Além disso, ampliou a capacidade crítica dos alunos para problematizar questões relacionadas à colonialidade do saber, do poder e do ser, ao mesmo tempo em que possibilitou reflexões decoloniais pautadas na valorização de saberes locais e na resistência histórica de povos originários e quilombolas.





Em síntese, os resultados apontam que a atividade cumpriu o papel de proporcionar uma experiência educativa transformadora, conectando teoria e prática, escola e território, memória e contemporaneidade. Os estudantes retornaram da vivência com uma bagagem enriquecida por experiências interculturais e ambientais, fortalecendo a consciência cidadã, o respeito à diversidade e o compromisso com a sustentabilidade.

4. Considerações Finais

Tal vivência em Itaúnas, revelou-se não apenas uma atividade pedagógica, mas um espaço/tempo de prática decolonial, na medida em que rompeu com a lógica eurocêntrica predominante no ensino tradicional (Mignolo, 2017; Walsh, 2013). Ao interagir com os saberes indígenas sobre o território, a biodiversidade e a cosmologia, os alunos puderam problematizar estereótipos e reconhecer a legitimidade de outras epistemologias, historicamente marginalizadas pela colonialidade do saber (Quijano, 2005). Nesse sentido, a atividade dialoga diretamente com os pressupostos da Educação para as Relações Étnico-Raciais (Lei 10.639/2003; Lei 11.645/2008), uma vez que possibilitou a valorização das histórias e culturas afro-indígenas no currículo, fortalecendo a construção de uma consciência crítica e plural no espaço escolar.

5. Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa Garcia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], v. 27, n. 10, p. 5-13, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu>. Acesso em: 23/09/2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 118, Seção 1, p. 11, 22 jun. 2004. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 6 out. 2025.

BRASIL. Decreto Federal nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 08 fev. 2007. Seção 1, p. 1.





BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 29 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 45-46, 2008.

IEMA. **Plano de Manejo do Parque Estadual de Itaúnas**. Vitória, 2007. 422f.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Contribuições teórico-metodológicas para a educação ambiental com povos tradicionais. **Revista eletrônica ensino, saúde e ambiente**, v. 1, p. 131-144, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43301365/Contribui%C3%A7%C3%B5es_te%C3%B3rico_metodol_ambiental_com_povos_tradicionais. Acesso em: 20 set. /2025.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. DOI: 10.17666/329402/2017.

PEREIRA, Joene Alves; AGRIZZI, Ana Paula; TEIXEIRA, Marcos da Cunha. **O Parque Estadual de Itaúnas em 10 lições**: sequências didáticas para o ensino de biologia. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47402/ed.ep.b23400782>. ISBN 978-65-5364-278-2.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

WALSH, Catherine (Org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

